

“DE ONDE VIEMOS?” UMA PROPOSTA DE VISITA AO MUSEU NACIONAL

Aline Miranda e Souza, Graduanda em Ciências Sociais (UFRJ) e em História (UFF); **Andréa Fernandes Costa**, Mestra em Educação (UNIRIO) e Técnica em Assuntos Educacionais (MN/UFRJ); **Gabriel Nunes Pires**, Graduando em Ciências Sociais (UFRJ); **Jéssica da Conceição Brito**, Graduanda em Ciências Biológicas (UFRJ). Participantes do projeto de extensão “MediAÇÃO no Museu Nacional: mediadores e visitantes na construção de diálogos entre museu, ciência e sociedade” desenvolvido pela Secção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE-MN)¹

Título: “De onde viemos?”

Tempo médio de visita: 1h30min

Salas visitadas:

Hall (meteorito de Bendegó), Paleontologia, Evolução humana, Egito, Culturas Mediterrâneas, Culturas Pré-Colombianas, Luzia, Sambaquis, Cerâmica, Etnologia indígena. (Este roteiro contempla a maioria das salas com exposições permanentes, porém não abrange as exposições temporárias.)

Apresentação:

Neste roteiro, seus alunos poderão refletir sobre os eventos bem particulares que ocorreram ao longo de bilhões de anos e que nos possibilitaram chegar ao atual estágio de evolução, bem como sobre a longa busca do ser humano pelas suas origens.

Introdução

O prédio que você e seus alunos estão visitando hoje foi residência da família real e depois imperial, de sua chegada ao Brasil, em 1808, até a Proclamação da República, em 1889, quando seus membros foram obrigados a deixar o palácio e a sair do país. Nos dois anos seguintes, este edifício abrigou a primeira Assembleia Constituinte da República. Foi somente no ano 1892 que o edifício se tornou sede do Museu Nacional, que até aquele momento funcionava no Campo de Santana. Para abrigar uma instituição científica, muitas alterações foram feitas no prédio e, por isso, do período imperial ficou pouca coisa.²

O Museu Nacional é um museu de ciências naturais e antropológicas. Sendo assim, salvo em ocasiões especiais, não encontramos em suas exposições móveis, utensílios ou roupas utilizadas pelas pessoas que um dia viveram nesse palácio. Nele encontramos outros tipos de objetos, mas que também tem relação com esses homens e mulheres que ocuparam lugar de destaque na História do nosso país. Muitos deles foram colecionados e comprados pelas pessoas que viveram aqui e revelam seus interesses particulares e hábitos de colecionismo. Outro aspecto interessante desses objetos é que eles nos possibilitam construir uma história bem mais ampla que a do próprio Brasil... É uma história sobre as nossas origens! Que objetos serão esses? Como eles nos ajudam a construir essa história? Vamos a partir de agora conhecer essa história juntos?

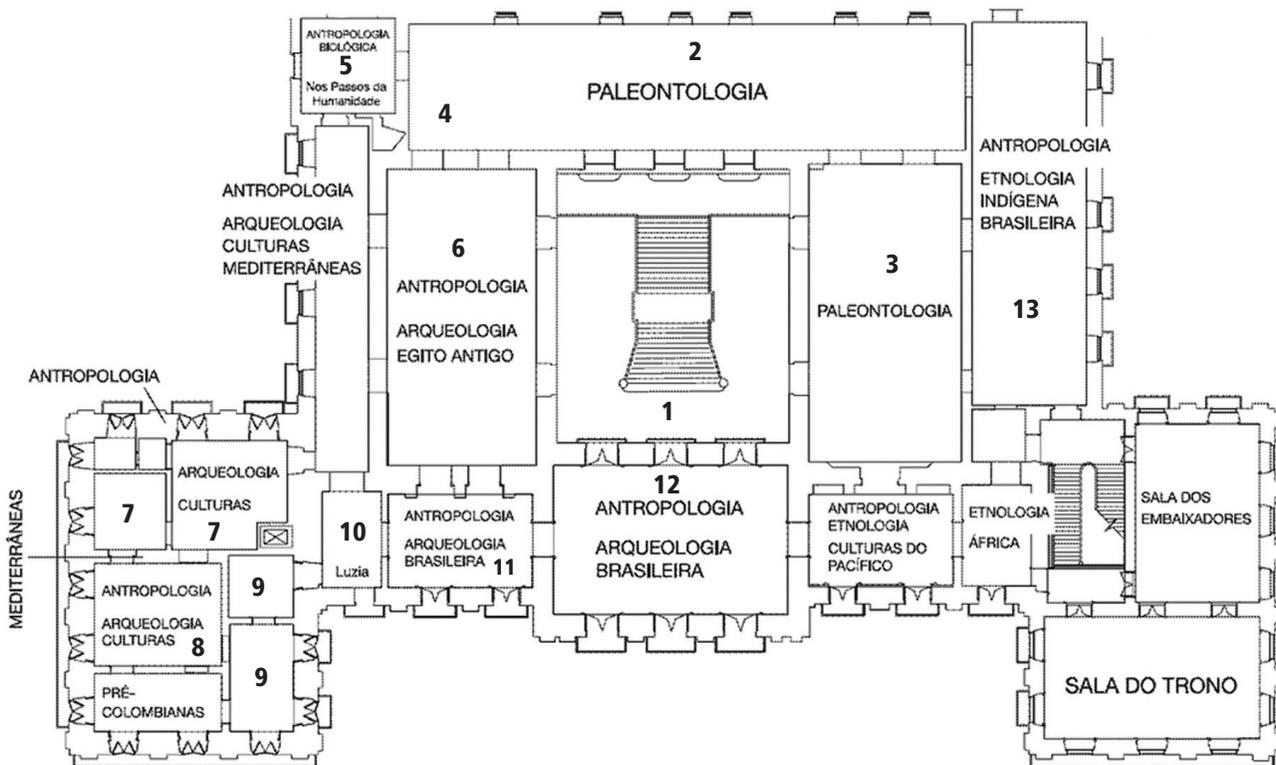
Apresentamos aqui uma proposta de roteiro de visita à exposição do Museu Nacional a ser realizada pelos professores com seus alunos. Por meio do levantamento de diferentes questões e da reflexão acerca do acervo do Museu, convidamos educadores e educandos a pensar sobre as nossas origens. Você já se deu conta de que para estarmos todos aqui agora muitos eventos bem particulares ao longo de bilhões de anos tiveram que acontecer? Para início de conversa foi preciso que o lugar onde todos nós vivemos – o Planeta Terra – fosse formado. Mas como e quando isso aconteceu? E o que veio depois disso? O que sabemos sobre as nossas origens? Convidamos vocês a realizar uma visita especial ao Museu Nacional, com o objetivo de refletir sobre a longa busca do ser humano pelas suas origens.

Atividade pré-visita

Antes da visita, faça aos seus alunos as seguintes perguntas: De onde viemos? O que tornou possível a nossa existência? Quais as explicações você conhece para essas questões?

A proposta desta etapa é mais de levantar questões do que respondê-las. O levantamento dessas mesmas visa estimular a curiosidade dos educandos sobre as nossas origens e um olhar sobre a diversidade de explicações. Essa questão deve ser retomada no dia da visita ao museu e ao longo da visita essas primeiras reflexões serão aprofundadas.

Mapa da exposição



1- Meteoritos (Bendegó) **2-** Paleontologia (Tabela do Tempo Geológico) **3-** Paleontologia (Maxacalisauro / Chapada do Araripe) **4-** Paleontologia (Preguiças Gigantes) **5-** Evolução Humana **6-** Egito **7-** Culturas mediterrâneas (Pompéia) **8-** Culturas pré-

colombianas (Lhama) **9-** Culturas pré-colombianas (Múmias) **10-** Arqueologia Brasileira (Luzia) **11-** Arqueologia Brasileira (Sambaqui) **12-** Arqueologia Brasileira (Cerâmica) **13-** Etnologia indígena

METEORITOS

1. Hall de entrada - Bendegó

Logo na entrada do Museu Nacional, nos deparamos com um grande objeto sobre um pedestal. Ele nos chama a atenção, dentre outras coisas, por seu tamanho, mas sua importância não está revelada *a priori*. Trata-se do meteorito de Bendegó. O maior meteorito já encontrado no Brasil e o 16º maior do mundo. Mas será que seus alunos sabem o que são meteoritos? Será que eles podem nos dizer algo sobre as nossas origens?



Meteorito de Bendegó

Os meteoritos podem ser considerados “fósseis do Sistema Solar”, pois são amostras da formação do nosso sistema planetário. Eles são fragmentos de matéria que viajaram pelo espaço e atingiram a superfície terrestre. Análises revelaram que alguns deles possuem cerca de 4,6 bilhões de anos, idade superior a tudo que se poderia encontrar inalterado na Terra. Foi deste modo que se pode atribuir idade ao nosso planeta e a todo o Sistema Solar.

O estudo dos meteoritos indica que o material que deu origem ao nosso sistema planetário, e consequentemente à Terra, teve origem em outras estrelas. A queda de meteoritos e cometas no período da formação do nosso planeta trouxe água e demais ingredientes necessários para que a vida surgisse.

Conhecer a formação da Terra é fundamental para saber mais sobre as nossas origens. Até hoje, em nenhum outro lugar do Universo, foi encontrada qualquer forma de vida. Isto quer dizer que nosso planeta de alguma forma possuía condições especiais para que a vida surgisse. Que condições foram essas? Pergunte a seus alunos como eles pensam que surgiu a vida. Ao subir as escadas, eles terão um pequeno tempo para refletir sobre isso. Chegando ao segundo andar, se depararão com um enorme painel colorido que nos conta um pouco sobre a evolução da vida.

PALEONTOLOGIA - ORIGEM E EVOLUÇÃO DA VIDA

2. Paleontologia (Tabela do Tempo Geológico)

No segundo andar, diante Tabela do Tempo Geológico, retome a questão: *Como surgiu a vida? Como a vida se transformou no que conhecemos hoje?*

A Tabela do Tempo Geológico demonstra alguns acontecimentos que nos ajudam a reconstituir os 4,6 bilhões de anos da história do nosso planeta. Por meio dela, podemos observar que ocorreu uma sucessão de eventos no passado geológico. Esses eventos ficam registrados nas camadas das rochas, o que ajuda aos pesquisadores a estimar, por exemplo, uma datação para o surgimento dos primeiros seres vivos, a extinção de espécies e ainda nos mostrar a diversificação da vida até os dias atuais. Essa história é dividida em Eras, que são principalmente delimitadas e marcadas por suas grandes extinções, e ainda subdividida em períodos e épocas.

As pesquisas científicas indicam que a origem da vida se deu cerca de 700 milhões de anos após à formação da Terra. Inicialmente a atmosfera terrestre continha pouco oxigênio e muitos gases tóxicos, o que inviabilizava o surgimento da vida no ambiente terrestre. Sendo assim, os primeiros seres vivos teriam se originado na água e, durante 2 bilhões de anos, a vida se resumiu à bactérias. Com o surgimento dos seres que fazem fotossíntese e com o oxigênio liberado por eles, a atmosfera da Terra mudou, abrindo espaço para formas de vida mais complexas. Observando o painel, percebemos que surgiram espécies e outras desapareceram, o que nos leva a pensar na ação da seleção natural. A este processo chamamos de evolução da vida.

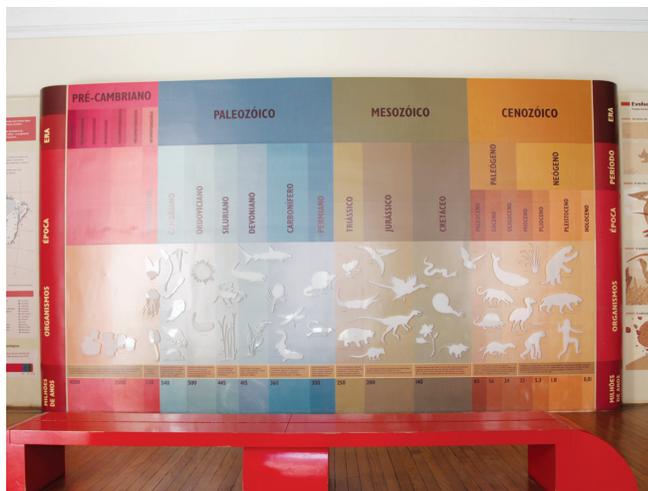


Tabela do tempo geológico

Ainda na sala da Tabela do Tempo Geológico, pergunte a seus alunos como é possível saber sobre essas formas de vida que já não existem mais?

Os rastros que estas formas de vida deixaram de sua existência são os fósseis e por meio deles podem ser descobertas características do ser vivo, informações sobre o ambiente em que vivia, etc.

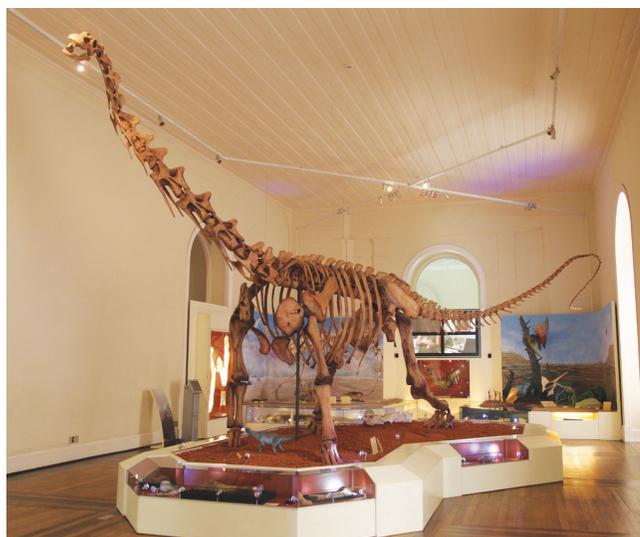
3. Paleontologia (I-Maxakalisaurus topai; II-Chapada do Araripe)

Mas o que são fósseis? Leve os alunos para visitar a sala onde o dinossauro *Maxakalisaurus* está exposto, onde encontrarão diferentes tipos de fósseis.

Os fósseis podem ser definidos como restos ou vestígios da existência de animais, de vegetais, e de atividades biológicas (casca de ovo, pegadas, dentre outros) preservados naturalmente em sedimentos, gelo, e âmbar. A maior parte dos fósseis é produto do processo de substituição de matéria orgânica por matéria inorgânica, que costuma levar mais de 10 mil anos. Encontramos em exposição no Museu Nacional, fósseis e reconstituições não só de dinossauros, como de outros animais e vegetais. Predominam representantes da fauna que habitou o território brasileiro.

Nesta sala encontra-se a réplica do *Maxakalisaurus topai*, encontrado na Bacia Bauru, no Município de Prata, em Minas Gerais. O mesmo possuía cerca de 13m de comprimento, pesava aproximadamente 9 toneladas e era herbívoro. Esses dados são obtidos a partir do estudo dos fósseis encontrados, sendo alguns deles expostos nas vitrines ao redor da réplica do animal. A informação sobre o seu hábito alimentar pode ser identificada pela estrutura de sua arcada dentária.

Podem ser vistos ainda nessas vitrines, os fósseis do maior dinossauro carnívoro já encontrado no Brasil, o *Oxalaia quilombensis*. Também podem ser vistos restos de cascos de tartarugas e icnofósseis. Os icnofósseis são aqui representados por cascas de ovos e pegadas, que são evidências da atividade de um organismo em vida e não propriamente o resto do animal.



Maxakalisaurus Topai

Será que a evolução da vida possui alguma relação com o ambiente? Pergunte a seus alunos. Na exposição vemos, a reconstituição da paisagem da Chapada do Araripe em diferentes momentos, que revela as transformações sofridas naquele lugar num espaço

de 5 milhões de anos, apresentando duas formações geológicas distintas. Será que seus alunos são capazes de identificá-las?

A separação do nosso continente do continente Africano, dando origem ao Oceano Atlântico, causou importantes mudanças ambientais que estão registradas nas rochas que hoje fazem parte da Chapada do Araripe, localizada no Nordeste do Brasil. Uma das duas formações geológicas da Bacia do Araripe apresentadas é a da Formação Crato, que possui 115 milhões de anos. Podemos observar na exposição que naquele tempo havia lagos de água doce, ao redor do qual se desenvolveu um ecossistema continental, com diversas espécies de plantas e insetos, inúmeros peixes, tartarugas e pterossauros (répteis alados). Na outra cena, temos a Formação Romualdo, de 110 milhões de anos, que registra maior influência marinha. Lá viveram plantas, peixes, insetos, pterossauros, como o *Anhanguera* e dinossauros, como o *Angaturama*. Algumas espécies suportaram a mudança climática, enquanto outras sucumbiram, abrindo espaço para novas espécies. Temos uma visível variação de clima, dos animais e da vegetação. Essa variação ocorreu devido a inserção de água salgada nesse ambiente que predominou em relação a água doce, favorecendo a ocorrência de espécies mais adaptadas a este ambiente. Na Formação Romualdo os peixes são maiores, a vegetação diferente, temos a presença de dinossauros como o *Angaturama limai*. Esta espécie de espinosauro tinha um focinho alongado e provavelmente se alimentava de peixes e outros animais, incluindo possivelmente pterossauros, conforme indica uma vértebra encontrada presa nos dentes desse dinossauro.



Chapada do Araripe: a paisagem acima, há 110 milhões de anos atrás, e abaixo, o mesmo local há 115 milhões de anos

Outro exemplo da influência das mudanças climáticas sobre a vida são as extinções em massa. Pergunte se alguém já ouviu falar desse fenômeno. Alguém sabe, por exemplo, como foram extintos os dinossauros? Os pesquisadores sabem que vários fatores levam a uma extinção, mas neste caso um deles chama a atenção: A queda de um meteorito de aproximadamente 10 km de diâmetro que atingiu a Terra há cerca de 65 milhões de anos. Seu impacto teria causado tsunamis, terremotos, vulcanismo, e até a suspensão de uma densa nuvem de poeira que encobriu toda a atmosfera, impedindo a entrada dos raios solares. Por causa desta nuvem, se teria se dado início a uma extinção em cadeia, visto que os vegetais, impedidos de fazer fotossíntese, morreram provocando escassez de alimento para os animais herbívoros e, conseqüentemente, para os carnívoros. Somente os animais de pequeno porte conseguiram sobreviver, por precisarem de menor quantidade de alimentos e terem mais oportunidades de se proteger dos acidentes ambientais, se escondendo em cavernas, por exemplo. Dentre estes pequenos animais, estavam os primeiros mamíferos. Assim, nos aproximamos mais um pouco de nós mesmos, nesta história sobre nossas origens.

4. Paleontologia (Megafauna Extinta)

Pergunte a seus alunos que grupo de animais eles acreditam que mais tenha se beneficiado com a extinção dos dinossauros.

Com a extinção dos dinossauros, nichos antes dominados por eles passam a ser ocupados pelos mamíferos. Estes, inicialmente pequenos, se diversificaram e evoluíram, levando à expansão, no período conhecido como a Era do Gelo, dos mamíferos de grande porte (Megafauna). Desafie seus alunos a descobrir que animais são esses, que representam a Megafauna na exposição.



Preguiças gigantes e Dentes-de-Sabre

São eles: as Preguiças Gigantes e o Dente de Sabre. Por seu tamanho, as preguiças gigantes são facilmente confundidas com dinossauros. Estes animais foram extintos ao final da última grande glaciação, por não conseguirem se adaptar às novas condições climáticas. A caça realizada pelo homem pré-histórico teria contribuído para a extinção destes animais. Durante a última glaciação,

os seres humanos já ocupavam a maior parte do planeta. Vamos descobrir como chegamos lá? Faça este convite ao grupo.

EVOLUÇÃO HUMANA

5. Nos Passos da Humanidade

Sugerimos que ao entrar na sala, provoque seus alunos com as seguintes questões: A evolução também atua sobre a espécie humana? Como e quando surgiram os seres humanos? Este foi sempre da forma como conhecemos? Deixe que observem as vitrines e depois retome a explicação.

Ao contrário do que se pensa, o macaco não corresponde a um estágio evolutivo anterior ao homem. A trajetória evolutiva de ambos tem início em um mesmo ponto, um ancestral comum, a partir do qual diferentes espécies tiveram origem. Algumas delas, apresentadas na exposição, se relacionam mais com especificamente com a linha evolutiva que deu origem a nossa espécie. Ao longo do tempo os hominídeos passaram por diversas mudanças, fisiológicas (polegar opositor, postura ereta, aumento da massa encefálica), culturais (cerimônias fúnebres, pinturas rupestres, linguagem, indumentária) e tecnológicas (domínio do fogo, polimento de artefatos, ferramentas, agricultura, domesticação de animais).

Portanto, o ser humano também se insere no processo de evolução, que jamais cessa, mesmo que essas transformações passem despercebidas por nós. Além disso, tendo surgido na África, conseguiram, através de migrações, ocupar a maior parte do planeta. A exposição sobre evolução humana mostra algumas etapas dessa evolução em suas quatro vitrines. Sugerimos a utilização dos recursos dispostos (crânios, ferramentas, mapas, cronologia, e representações artísticas) para uma abordagem comparativa, a fim de que o grupo perceba as diferenças entre as espécies que fizeram parte de nossa trajetória evolutiva. Ainda é possível utilizar o mapa que indica o percurso supostamente realizado durante a ocupação do planeta pela espécie humana.



Homo sapiens - vitrine ilustrativa

MITOS DE ORIGEM

Até aqui foram apresentadas as teorias científicas vigentes para explicar as origens do Universo, da vida e dos seres humanos. Contudo, tão logo o homem começou a produzir cultura, já se intrigava sobre suas origens. Diversos povos procuraram respostas para a pergunta que estamos trabalhando aqui: “De onde viemos?”. Será que seus alunos conhecem algumas dessas narrativas de origem? A partir deste momento, falaremos brevemente de origens sob as perspectivas dos povos egípcios, mediterrâneos e pré-colombianos.

EGITO ANTIGO

6. Coleção egípcia dos Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II

Inicialmente, sugerimos que deixe seus alunos circularem livremente por esta sala. Assim o grupo poderá observar os objetos expostos, ter uma noção geral da sala, eventualmente se sentir mais atraído por um ou outro objeto, e elaborar questões.

As dúvidas mais comuns dizem respeito às múmias. A mumificação é um processo realizado com o objetivo de conservar o corpo após a morte. Mais que um ritual fúnebre, é uma preparação pra vida eterna, uma vez que a morte também é concebida de maneira diferente pelos egípcios: não como o fim, mas como uma passagem. Este era um ritual religioso com instruções bastante rigorosas prescritas nos *Textos Funerários*.

Segundo a mitologia egípcia, a primeira múmia a ser feita foi a do deus Osiris, morto em uma terrível armadilha feita por seu irmão invejoso Seth, que espalhou seus pedaços por todo o Egito. Ísis, esposa de Osiris, foi responsável por reunir os pedaços seu marido e pela preparação de sua múmia, produzida com ajuda do deus Anubis, bem como pelos rituais de lamentação. Os egípcios acreditavam que as águas do Rio Nilo, um elemento fundamental para a organização da vida no Egito, eram as linfas do corpo de Osiris.

Mas essa história não termina assim. Seth tem seu castigo quando perde uma batalha para seu sobrinho Hórus, filho de Osiris e Ísis. Derrotando Seth, Hórus conseguiu vingar a morte do pai, ainda que não tenha saído ileso. Um ferimento em seu olho, dá origem a um dos símbolos mais conhecidos no Egito: o olho de Hórus.



Múmia de Hori

A primeira etapa do ritual de mumificação consiste na retirada dos órgãos, que são armazenados a parte em vasos específicos para este fim, chamados vasos canopos, que podem ser vistos na exposição. Somente um órgão não é retirado, pois é considerado a morada da alma do indivíduo: o coração. Ele deve permanecer no corpo a fim de que seja encontrado pelos deuses e levado ao julgamento das almas. Presidido pelo deus Osíris, o julgamento, que acontece no Mundo dos Mortos, consiste na pesagem do coração do morto, equilibrando-o numa balança com uma pena, símbolo da deusa Maat da verdade e da justiça. Se o coração fosse mais pesado que a pena, considerava-se que o morto havia cometido muitas faltas em vida que iam contra os ideais de justiça humana e divina, e portanto, não merecia a vida eterna. Porém se ambos tivessem o mesmo peso, o morto estaria apto a seguir para a vida eterna. No esquife de Hori está representada uma cena do julgamento.

A segunda etapa consiste no ressecamento do corpo, colocando-o imerso numa solução salina chamada Natrão por um período de 40 a 70 dias. A seguir, o corpo é perfumado com óleos e unguentos e essências, e por último acontece o enfaixamento.

Realizado o processo de mumificação, a corpo é acondicionado em um esquife, também chamado de ataúde. Uma diferença notável dos esquifes para os caixões atuais são os hieróglifos representados, que são considerados uma das primeiras formas de registro escrito da História. A escrita nessa época era dominada apenas por algumas pessoas, os escribas, que possuíam muito prestígio social por este fato. Estas inscrições geralmente falam da vida da pessoa, da família, sua posição na sociedade, sua relação com deuses etc. O caixão é comparado com um barco em alguns textos egípcios, pois este é que conduziria a pessoa à outra vida.



Representação de cenas mitológicas no esquife de Hori

Buscando sempre o foco no tema central, pergunte a seus alunos o que eles acham que esses objetos, em sua maioria ligados a morte, podem nos dizer sobre o que os egípcios acreditavam a respeito de suas origens? Os egípcios acreditavam que o universo havia sido criado por meio da palavra (verbo criador) e da matéria retirada do corpo de Atum-Rê, o deus Sol. Este processo teria gerado a vida e a ordem; com os deuses vindos do seu suor e a humanidade das lágrimas do Deus Criador. Dessa forma foram feitos o céu e a terra, o dia e a noite; os homens e outros deuses, a vida e a morte. Essa mitologia era responsável pela organização da vida no Egito como um todo, desde os rituais, como os de mumificação, a arte, representando os deuses, as relações políticas e a produção agrícola. Também no esquife de Hori, há uma ilustração da separação do céu e da terra. Estes elementos são representados respectivamente pela deusa Nut e pelo deus Geb, que eram casados, mas ao se separarem, se tornou possível a existência dos seres vivos.

CULTURAS MEDITERRÂNEAS

7. Coleção grego-romana da Imperatriz Teresa Cristina

Veremos agora como as populações mediterrâneas pensavam em suas origens. Mesmo com suas particularidades essas populações partilhavam uma cosmogonia semelhante. Tanto na Grécia antiga como no Império Romano, a organização social e as práticas religiosas estavam ligadas a um conjunto de mitos. Seus alunos conhecem alguma das histórias da mitologia grega/romana?

As origens do lugar onde viviam, de sua própria sociedade, ou de fenômenos naturais que presenciavam – como a erupção do vulcão Vesúvio na cidade de Pompéia – eram relacionadas aos ímpetos dos deuses. Até mesmo as atividades cotidianas estavam relacionadas aos deuses: desde os banquetes regados a vinho (associados a Dionísio ou Baco), as campanhas militares (associadas Marte ou Ares) e até a produção e o embelezamento das mulheres (associada à Vênus ou Afrodite). Objetos utilizados cotidiano dos habitantes de Pompéia podem ser vistos na exposição.

É através da contemplação dos diversos tipos de vasos expostos que é possível perceber evidências de sua cultura. As minuciosas pinturas possuem caráter basicamente estético e eram utilizadas para representar o cotidiano, bem como temas mitológicos como deuses e semideuses. A pintura grega de vasos basicamente conta histórias e por essa razão, muitos vasos trazem episódios das aventuras contadas por Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*. No caso da cidade de Pompéia, as peças conservadas pela ação das cinzas expelidas no momento da erupção do vulcão Vesúvio, permitem o estudo da população que habitava esta cidade.



Cratera sino, italiota, com figuras vermelhas

8. Arqueologia pré-colombiana

Coloque esta questão para seus alunos: Como alguns povos indígenas da América explicavam suas origens?

Antes de qualquer coisa, é preciso considerar a extensão do continente americano e quantidade de povos que o habitaram. Estes povos lidam com condições ambientais bem distintas, se organizam socialmente de formas diferentes e têm suas próprias culturas.

Em exposição, há um mapa que permite essa visualização. Ainda que muitos deles sequer tenham tido contato entre si, a narrativa de origem coincide entre algumas culturas. Para a grande maioria dos povos indígenas da América, o milho é uma referência fundamental e a simbologia atribuída a este alimento - cujas primeiras evidências de cultivo em contextos domésticos datam de mais de 5.500 anos atrás - está intimamente vinculada à criação em muitas das narrativas de origem. Para estes povos, o milho é a matéria substancial de que são feitos seres humanos e deuses. Segundo a visão indígena, a humanidade precisou do sacrifício das divindades para que esta, assim como o mundo fossem criados e, no sentido contrário, os deuses se alimentam das oferendas que lhes são dedicadas pela humanidade. Isto representa uma concepção dual e cíclica do mundo.



Objetos relacionados à Agricultura na América Pré-Colombiana

Em destaque na exposição, há uma lhama taxidermizada. Este animal é típico da Cordilheira dos Andes, e é muito utilizado pelos povos dessa região no transporte de cargas, na extração da lã e até mesmo para alimentação.

9. Múmias Pré-Colombianas

Seguindo adiante na exposição, encontramos a sala das múmias naturais. Diferente das múmias egípcias, que passaram por um processo de embalsamamento, estes corpos se conservaram pela ação do próprio ambiente. O clima frio dos Andes favorece a mumificação natural. Há, também, uma múmia natural rara por ter sido encontrada no Brasil, já que o nosso clima não é propício para a conservação dos corpos: trata-se de uma mulher e duas crianças.

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A ocupação do território brasileiro

10. Caçadores/Coletores e Luzia

Até aqui tratamos das respostas encontradas quando nos indagamos sobre a origem do mundo, da vida e da humanidade. Vimos teorias científicas e mitos de origem. A partir daqui, pensaremos na ocupação do nosso território. Como ela aconteceu? Pergunte a seus alunos quem foram os primeiros habitantes do lugar onde vivemos.

Pode vir a nossa cabeça, como primeira resposta para essa pergunta, que os primeiros habitantes daqui seriam os índios que foram encontrados pelos europeus em sua chegada ao continente americano no século XV. Contudo, estudos indicam que não teriam sido eles. Os primeiros habitantes do nosso continente chegaram ao que hoje conhecemos como o território brasileiro, há mais de 12 mil anos. As primeiras levas de caçadores/coletores que chegaram ao continente sul-americano podem ter seguido diferentes caminhos até alcançar o que é hoje o território brasileiro. O esqueleto mais antigo encontrado nas Américas, mais precisamente na região arqueológica de Lagoa Santa, no estado brasileiro de Minas Gerais, é o da Luzia, uma mulher que teria feito parte deste primeiro grupo de caçadores/coletores habitantes do continente. Este achado arqueológico da década de 1970 foi muito importante uma vez que contestava a teoria clássica de migração da espécie humana sobre o globo terrestre. Segundo esta teoria, o homem teria surgido na África, percorrido o continente europeu, passando para a Ásia, de onde chegaria a Oceania e às Américas. Teria chegado à América do Norte através de uma passagem congelada que a ligava a Ásia pelo Estreito de Bering. Tendo sido encontrado o fóssil mais antigo na América do Sul e não na América do Norte, passaram a admitir outras possibilidades de caminhos percorridos. Acredita-se que Luzia tenha uma origem Afro-Melanésica, uma vez que possui uma morfologia craniana com aspectos híbridos. A chegada de indivíduos com estas características à América do Sul pode ter se dado por navegação

em pequenas embarcações que costearam as Américas. Houve também outras levas migratórias posteriores de origens distintas. Em exposição, podemos ver réplicas dos ossos de Luzia que foram encontrados e também a reconstituição de sua face. Em exposição, podemos ver réplicas dos ossos de Luzia que foram encontrados e também a reconstituição de sua face.



Reconstituição da face de Luzia

É através de estudos arqueológicos que construímos conhecimentos acerca dos povos que não deixaram registro escrito. Você pode perguntar a seus alunos se eles sabem como é feito o trabalho do arqueólogo. Nas salas de arqueologia brasileira no Museu Nacional, constam objetos encontrados em diversas regiões brasileiras. Ao sair da sala, onde está exposta a Luzia, chegamos a uma sala com objetos encontrados em sambaquis.

11. SAMBAQUIEIROS - Os habitantes da costa brasileira

Seus alunos conhecem algum sambaqui? Sabem o que é ou onde podem ser encontrados? O nome sambaqui vem das palavras *tamba* (conchas) e *ki* (amontoado) em tupi. Como o nome indica, sambaqui é um amontoado de conchas sedimentadas que guardam e conservam objetos em seu interior, por isso trata-se de um importante sítio arqueológico geralmente encontrado no litoral. Na costa brasileira, estão concentrados na região centro-sul. Se hoje possuem a função de sítios arqueológicos, no passado foram formados intencionalmente pelos chamados povos sambaquieiros. Nele enterravam seus mortos e depositavam demais objetos, bem como restos de alimentos (predominantemente conchas). Por meio do material arqueológico encontrado nos sambaquis podemos saber mais sobre as origens da ocupação de parte da costa brasileira.



Ossada de Sambaqui

12. CERÂMICA - A diversidade da arqueologia brasileira

Seguindo adiante, encontramos objetos produzidos em cerâmica encontrados em sítios arqueológicos localizados especialmente no interior do país. São em sua maioria urnas funerárias de diversas tribos. É interessante observar as características específicas das cerâmicas, que nos ajudam a identificar cada grupo, diferenciando-os dos demais. A reprodução de um sítio arqueológico de interior tupi-guarani no centro da sala ajuda a compreender o campo onde trabalha um arqueólogo.



Urna funerária marajoara

13. Etnologia indígena brasileira

Tratamos da chegada do homem às Américas e de como chegaram os primeiros habitantes ao território brasileiro. Quando os europeus chegaram ao nosso continente muitos e diferentes grupos, hoje não mais existentes, já haviam ocupado o que veio a ser o Brasil. No entanto, alguns grupos que tiveram contato com os colonizadores sobrevivem até o presente. *Pergunte a seus alunos que grupos são esses.*

Conta a história que os índios que entraram em contato com os europeus foram dizimados, oprimidos e subjugados pelos colonizadores. Mesmo com o fim da colonização, foram vítimas de preconceitos e estereótipos, que ora os idealizavam, ora os denegriam; de qualquer forma, permaneceram excluídos da sociedade. Ainda assim, algumas destas populações indígenas conseguiram sobreviver, preservando seus costumes tradicionais, e incorporando elementos de outras culturas. Não se deve condenar o índio a viver congelado no tempo. É preciso compreender que as culturas são dinâmicas e se modificam. Por exemplo, atualmente é comum que índios tenham acesso a tecnologias, sem que isso signifique “perder” sua cultura.

Os últimos censos demográficos realizados pelo IBGE em 1991, 2000 e 2010 têm apontado um crescimento da população indígena, provavelmente creditado ao aumento da autoafirmação étnica. Ainda assim, hoje esses povos enfrentam dificuldades para preservar o seu modo de vida: conflitos políticos, econômicos, culturais. Tendo em vista estas dificuldades, foi criado o direito constitucional ao reconhecimento da posse de terras habitadas por populações tradicionais que é fruto da luta dos militantes dos movimentos indígenas e negros (a lei também atende aos quilombolas). O princípio que garante estas terras é o do “direito originário”, isto é, o reconhecimento de que originalmente os donos desta terra seriam os índios. Todavia, ainda existem muitas terras a serem demarcadas e a burocracia, os entraves políticos, e interesses econômicos divergentes dificultam e retardam este processo, principalmente em perímetros urbanos.

Em exposição constam, alguns objetos de importância histórica, mas também muitos que revelam a realidade atual dessas populações, as atividades tradicionais e rituais que preservam.



Cocar indígena

Considerações finais

Chegando ao fim da visita, propomos um encerramento que retome a reflexão inicial. Após termos percorrido toda a exposição, responderíamos a questão sobre nossas origens da mesma forma? Afinal, de onde viemos? Deixe que seus alunos cheguem a suas próprias conclusões. É possível pensar em origens de maneira muito ampla. Tudo o que contamos, de alguma forma faz parte da nossa história, pois condicionou o nosso presente: desde o surgimento do planeta e os caminhos da evolução até as diferentes culturas que nos antecederam ou convivem conosco. E agora? Diante deste conhecimento, entendemos que para estarmos aqui não foi tão simples assim. As condições que nos mantêm são bem específicas e frágeis. Nós devemos nos esforçar em preservá-las para garantir nossa própria existência. Precisamos respeitar o nosso planeta, as formas de vida que nele habitam e principalmente os seres humanos.

Atividades de desdobramento³

Calendário cósmico (Carl Segan)

Breve descrição: Baseado na proposta de Carl Segan de comparar todo o tempo decorrido desde a formação do universo, a um ano terrestre, procure localizar eventos tais como (a formação do nosso planeta, o surgimento da vida, extinção dos dinossauros, surgimento do homem, surgimento da escrita, 1ª guerra mundial, entre outros que você pode acrescentar) neste calendário junto com seus alunos. Perceba como a maioria dos eventos se concentra no fim do calendário.

Sanduíche de fóssil

Breve descrição: Esta atividade compara as camadas de um sanduíche às camadas do solo. É possível trabalhar com diferentes texturas de alimentos para representar diferentes tipos de solos e ainda utilizar grãos para representar os fósseis.

Brincando com mitos

Breve descrição: A partir de imagens representativas de povos mencionados na visita ao Museu Nacional, tente reproduzir seus mitos de origem. Você pode acrescentar outros mitos também.

NOTAS

1. Colaboraram para a revisão deste Roteiro: Antonio Brancaglioni Júnior, Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho, Deise Dias Rêgo Henriques, Denise Maria Cavalcante Gomes e Maria Dulce Gaspar.
2. Para saber mais sobre a História do Museu Nacional ver...: DANTAS,...
3. Para mais detalhes sobre as atividades propostas acesse o blog da SAE (<http://saemuseunacional.wordpress.com>)